

## A CONTRADITÓRIA JORNADA DOS DIRETORES DE CINEMA

**FACCHINELLO, Bruna<sup>1</sup>**; Orientador: **SILVA, Josias Pereira da<sup>2</sup>**

<sup>1</sup> Centro de Artes UFPEL/ curso de Graduação de Cinema e Animação <sup>2</sup> Centro de Artes UFPEL/ Cinema e Animação/ erdfilmes@erdfilmes.com.br

### 1 INTRODUÇÃO

Decupagem, direção de atores, ordem de gravação, objetiva ou grande angular. Pode-se dizer que existe uma fórmula para a realização de um filme, uma “receita de bolo” perfeita, mas então o que torna os diretores e suas obras tão distintas uma das outras? Os métodos de trabalho pessoais de cada cineasta, seu processo de criação e suas escolhas únicas. O trabalho a seguir busca tratar e identificar os diferentes métodos utilizados por grandes cineastas de renome internacional para se chegar às obras cinematográficas que os consagram através do estudo e recuperação bibliográfica do livro *Grandes Diretores de Cinema*, de Laurent Tirard<sup>1</sup> onde, por meio de entrevistas, o autor descobre segredos de set de diretores como Lars Von Trier, Jean-Luc Godard e Martin Scorsese.

### 2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

A metodologia a ser aplicada neste trabalho pode ser classificada como de pesquisa exploratória, buscando identificar diferentes métodos utilizados por diretores de diferentes épocas e âmbitos cinematográficos. Escolheu-se esta metodologia para o melhor desenvolvimento do trabalho, com a intenção de utilizar referenciais teóricos e realizar a pesquisa no formato hipotética – dedutiva, sendo que tal método permite que o pesquisador proponha hipóteses e utilize a dedução podendo fazer comprovação se couber. Será possibilitado, através de o texto desenvolvido a seguir, identificar alguns métodos de trabalho aplicados por cineastas Godard, Scorsese e Von Trier. Tomando como base para o estudo o livro de Tirard, serão expostas semelhanças e contradições que ocorrem no desenvolvimento criativo e no set destes e outros diretores de cinema.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O trabalho de um diretor implica amplo conhecimento das diversas áreas do cinema. Um exímio diretor conhece desde a mecânica de seus equipamentos, os cabos de energia aos termos burocráticos e judiciais da produção. Para dirigir é preciso ter uma boa história para contar e mais do que isso, é necessário saber contar esta história da melhor forma possível, sendo que somente uma forma é a melhor e que todas as escolhas tomadas pelo diretor o levam ou o afastam do ideal cinematográfico almejado por todos que o praticam e o executam. Como já fora dito, há uma fórmula básica em termos de direção e é preciso aprendê-la, conhece-la ao todo para finalmente poder extrapolá-la.

<sup>1</sup> Laurent Tirard: Formado na Universidade de Nova York, jornalista da Studio Magazine onde publicou uma série de entrevistas com diretores de cinema. Lançou seu primeiro longa-metragem em 2004.

Se você não aprende a gramática básica, você é um pouco como esses pintores que se autodeclararam pintores abstratos para camuflar o fato de que não sabem pintar. Você pode romper com todas as regras que quiser, contanto que antes você as tenha aprendido. POLLACK; Sydney (2009), citado por TIRARD (2009, pág. 49).

Para Sydney Pollack<sup>2</sup> assim como para Martin Scorsese<sup>3</sup>, cada plano possibilita uma nova experiência, sendo ela de maior ou menor grau de acordo com o que lhe parece coerente. Os planos são sempre os mesmos desde que Griffith os ditou no cinema mudo, mas ainda há lugar para a experimentação utilizando-se dos mesmos planos, porém inovando-os na narrativa e na conjuntura, desta forma, pode-se criar uma nova linguagem a partir de uma nova associação dos planos clássicos.

Em entrevista à Laurent Tirard, Almodóvar<sup>4</sup> coloca que o importante para quem quer ingressar no ramo cinematográfico é filmar e, sobretudo, experimentar e errar. Em seu primeiro filme de longa-metragem há um erro gigantesco de continuidade, quebrando com esta que é uma das principais regras da narrativa. O cabelo da personagem cresce de um plano para outro porque a cena, por dificuldades técnicas, fora gravada no intervalo de um ano. Almodóvar diz que na exibição do filme ninguém deu conta do erro, provando que se o filme for algo interessante e contar algo de uma forma interessante, ninguém reparará nos defeitos. Para Almodóvar, o importante é ter algo a dizer e dizer mesmo que ainda não se saiba como. Descobre-se a forma com a prática e esta é melhor maneira de aprender.

Ainda na mesma entrevista, Almodóvar enumera três pontos na realização de um filme (texto, interpretação dos atores e a cor principal), os únicos pontos que segundo ele são de total autoria do diretor, pois não sofrem intervenção de outros membros da equipe e também não são mudados por conta da logística e do tempo. Segundo Almodóvar o diretor pode escolher o quadro, mas quem dá o enquadramento no momento da gravação é o câmera e ele pode ou não modificar a escolha do diretor, afinal o câmera não é uma máquina e sim uma pessoa carregada de anseios e opiniões. Portanto é importante que o cineasta não queira ter controle absoluto do filme já que este depende de uma equipe de pessoas para ser realizado.

Esses aspectos são três: o texto, a interpretação dos atores e a escolha da cor principal, aquela que predominará no cenário, nos figurinos e no tom geral do filme. É nesses três domínios que posso me expressar mais, e é aí que tento ir o mais longe possível. ALMODOVAR; Pedro (2009), citado por TIRARD (2009, pág. 36)

Tim Burton<sup>5</sup> refere-se à gramática cinematográfica como algo flexível, que deve ser empregado de acordo com o público alvo do filme e é papel do cineasta

<sup>2</sup> Sidney Pollack: Diretor de Cinema norte-americano, nascido em 1934. Dirigiu Três Dias do Condor, Nosso Amor de Ontem e Entre dois Amores.

<sup>3</sup> Martin Scorsese: Diretor norte-americano, nascido em 1942. Dirigiu Caminhos Perigosos, O Aviador e seu filme mais recente A Ilha do Medo.

<sup>4</sup> Pedro Almodóvar: Diretor de cinema espanhol nascido em 1951. Diretor de Tudo Sobre Minha Mãe que ganhou Oscar de melhor filme estrangeiro e prêmio de melhor direção em Cannes.

<sup>5</sup> Tim Burton: Diretor de Cinema norte-americano, nascido em 1958. Diretor de Edward Mãos de Tesoura, A Noiva Cadáver e seu último Alice no País das Maravilhas.

moldar esta linguagem já existente para chegar ao que é esperado, o que é preciso e o que é excitante. Antes de quebrar as regras da linguagem e da narrativa clássica, deve-se saber se o público ao qual o filme se destina conseguirá acompanhar esta nova experiência.

Indo na contramão dos diretores acima citados, Lars Von Trier<sup>6</sup> coloca que a gramática cinematográfica é inexistente, cada filme é dotado de uma linguagem própria, muitas vezes semelhante a outros por referência ou homenagem, mas ainda distinta e única. No início da carreira, Lars Von Trier gostava de controlar todos os aspectos do filme, fazia storyboards e cada plano era executado tal qual o planejamento prévio. “O perigo de querer controlar tudo está no fato de que, uma vez que você pensou em tudo previamente e fez o storyboard de tudo, então as filmagens propriamente ditas não passam de uma execução”, segundo Lars Von Trier, citado por Tirard (2009, pág. 173).

Desde 1998, Lars Von Trier não planeja mais a forma como seus filmes serão filmados, ele simplesmente os filma. Ou como o próprio costuma colocar, “filmo o que vejo”. Para ele, o set fica menos frustrante desta maneira e para não perder-se em meio à emoção da filmagem, Lars Von Trier mantém-se agarrado ao roteiro. Filma o que está escrito para depois ver-se livre a filmar o que tem vontade.

É claro que não são todos os diretores que se sentem confortáveis ao verem-se sem regras e sem planejamento. Martin Scorsese, por exemplo, não pode filmar sem antes ter preparado com antecedência as tomadas com uma precisão quase que matemática, por mais que possa vir a modificá-las mais tarde. Esse é, sem dúvida, um ponto que por si só representa as grandes diferenças no trabalho de um diretor. Martin Scorsese e Lars Von Trier são dois cineastas reconhecidos pelas suas obras e sua contribuição ao cinema, que trabalham de formas tão distintas que podem até ser ditas como contraditórias.

Nas entrevistas presentes em Grande Diretores de Cinema, Laurent Tirard indaga a respeito dos métodos utilizados pelos cineastas para dirigir os atores. E, como nas demais atividades exercidas por um diretor, esta também tem formas diferentes de ser realizada. Woody Allen<sup>7</sup> diz que o segredo para uma boa direção de atores é poder contar com pessoas talentosas e deixá-las trabalhar. Ele diz que o ideal é não dirigir os atores em tempo integral, ou melhor, não dirigi-los em excesso. Responde às perguntas dos atores, mas quando elas se excedem, ele passa a tarefa à outra pessoa.

Wim Wenders<sup>8</sup> destaca o fato de alguns diretores (principalmente os jovens) não compreenderem o fato de que os atores são pessoas e, como pessoas, têm características diferentes uma das outras. Portanto, não há possibilidade de existir um método para dirigir atores já que nenhum ator é igual ao outro.

Cada ator tem seu próprio método, suas próprias necessidades, seus próprios meios de se expressar. Há tantos métodos quanto atores. E finalmente, a única coisa que se pode fazer para dirigi-los é coloca-los

<sup>6</sup> Lars Von Trier: Cineasta dinamarquês nascido em 1956. Instigador do Dogma 95- corrente que propunha aos diretores seguirem uma série de regras coercivas. Dirigiu Ondas do Destino, Dançando no Escuro e Dogville.

<sup>7</sup> Woody Allen: cineasta norte-americano, nascido em 1935. Dirigiu 37 filmes em 38 anos. Diretor de What's Up, Tiger Lily?, Noivo Neurótico, noiva nervosa e Poucas e Boas.

<sup>8</sup> Wim Wenders: diretor alemão, nascido em 1945. Dirigiu Paris Texas, Asas do Desejo e O Fim da Violência.

suficientemente à vontade par leva-los, pouco a pouco, a deixar de atuar, isto é, a deixar de fingir que são outra pessoa. WENDERS; Wim (2009), citado por TIRARD (2009, pág. 123).

Encerro os métodos utilizados para direção de atores com as palavras proferidas por Jean-Luc-Godard<sup>9</sup>. O cineasta coloca em entrevista à Laurent Tirard que não tem grandes capacidades de dirigir atores. Ele simplesmente os coloca à vontade e faz o possível para ajudá-los, para contribuir com sua atuação, escolhendo o melhor enquadramento, um bom plano, uma boa lente.

É preciso fazer com que um ator trabalhe muito( mesmo que alguns não gostem), mas ao mesmo tempo é preciso que a mão que dirige seja suave, agradável e alegre, o que eu nunca soube fazer. Sempre tive a mão pesada demais, geralmente porque estava ocupado fazendo outras coisas em outro lugar. GODARD; Jean-Luc,(2009) citado por TIRARD (2009, pág. 249).

## 4 CONCLUSÃO

Dirigir um filme é uma tarefa árdua, que exige muito trabalho e experiência, mas que pode ser muito bem executada com simplicidade por quem sabe o que está fazendo. É isso o que importa no trabalho de um diretor, saber o que se faz, para quem se faz e porque se faz este filme. Dirigir não é apenas dar ordens, um bom diretor deve saber calar-se quando necessário para ouvir sua equipe e seus atores. Afinal, um filme não pode ser feito por uma única pessoa e é isso que o torna tão especial, as pessoas por trás do filme. O set de filmagem é o que temos de mais orgânico, instável e experimental na hora de rodar e necessário pulso firme para assumir as dificuldades e confiança em todos os membros da equipe. Além do trabalho duro, do vasto conhecimento sobre o que se quer dizer com o filme, e da confiança na equipe com a qual se trabalha, não há regra alguma que seja inflexível. Tudo pode ser mudado, transformado e reinventado. Cabe a cada diretor saber qual a sua melhor maneira de trabalhar e de dirigir. Existem formas convencionais de trabalho de set, porem não existem formas corretas, apenas formas que já deram resultados positivos.

## 5 REFERÊNCIAS E OBRAS CONSULTADAS

LUMET, Sidney. **Fazendo Filmes**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

SOUZA, Carlos Roberto. **Nossa Aventura na Tela – A trajetória fascinante do cinema brasileiro da primeira filmagem a “Central do Brasil”**. São Paulo: Cultura Editores Associados, 1998.

TIRARD, Laurent. **Grandes Diretores de Cinema**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

<sup>9</sup> Jean-Luc-Godard: Cineasta francês, nascido em 1930. Diretor de *Acosado*, *Uma mulher é uma mulher*, *O Desprezo*, *Bande à Part* e outro clássicos do cinema mundial.